

LUC FERRY

“A Hungria deveria ser expulsada da Europa”

O filósofo e ex-ministro da Educação da França diz que a acolhida aos refugiados sírios pelos países europeus mostra que o mundo melhorou, com o surgimento de um humanismo moderno

Guilherme Evelin

O filósofo francês Luc Ferry tornou-se pop com seus livros sobre filosofia escritos de forma didática, que parecem manuais de autoajuda. *Aprender a viver*, lançado em 2006, virou best-seller no Brasil. A tese de Ferry, pregador de um humanismo moderno, é que a filosofia, nas sociedades modernas, pode substituir as religiões, esvaziadas, na busca dos homens pela espiritualidade, a sabedoria e a “boa vida”. Entre 2002 e 2004, Ferry foi ministro da Educação da França e um dos responsáveis pela introdução da lei que proíbe a ostentação de símbolos religiosos nas escolas públicas, tema candente no país que é a pátria da laicidade e reúne uma das maiores comunidades de judeus e muçulmanos fora do Oriente Médio. Na semana passada, Ferry esteve no Brasil, onde realizou uma conferência, em Salvador, como palestrante do Fronteiras do Pensamento, evento que reúne conferencistas internacionais para discutir grandes ideias do mundo contemporâneo. Em sua passagem por São Paulo, Ferry, um crítico das teorias pessimistas de que vivemos, no século XXI, um período de esvaziamento dos valores, conversou com ÉPOCA sobre o papel da religião e da filosofia na vida moderna, o pontificado do papa Francisco e as questões políticas que agitam a Europa, como o terrorismo promovido pelo Estado Islâmico, a crise dos refugiados e a ascensão da extrema-direita.

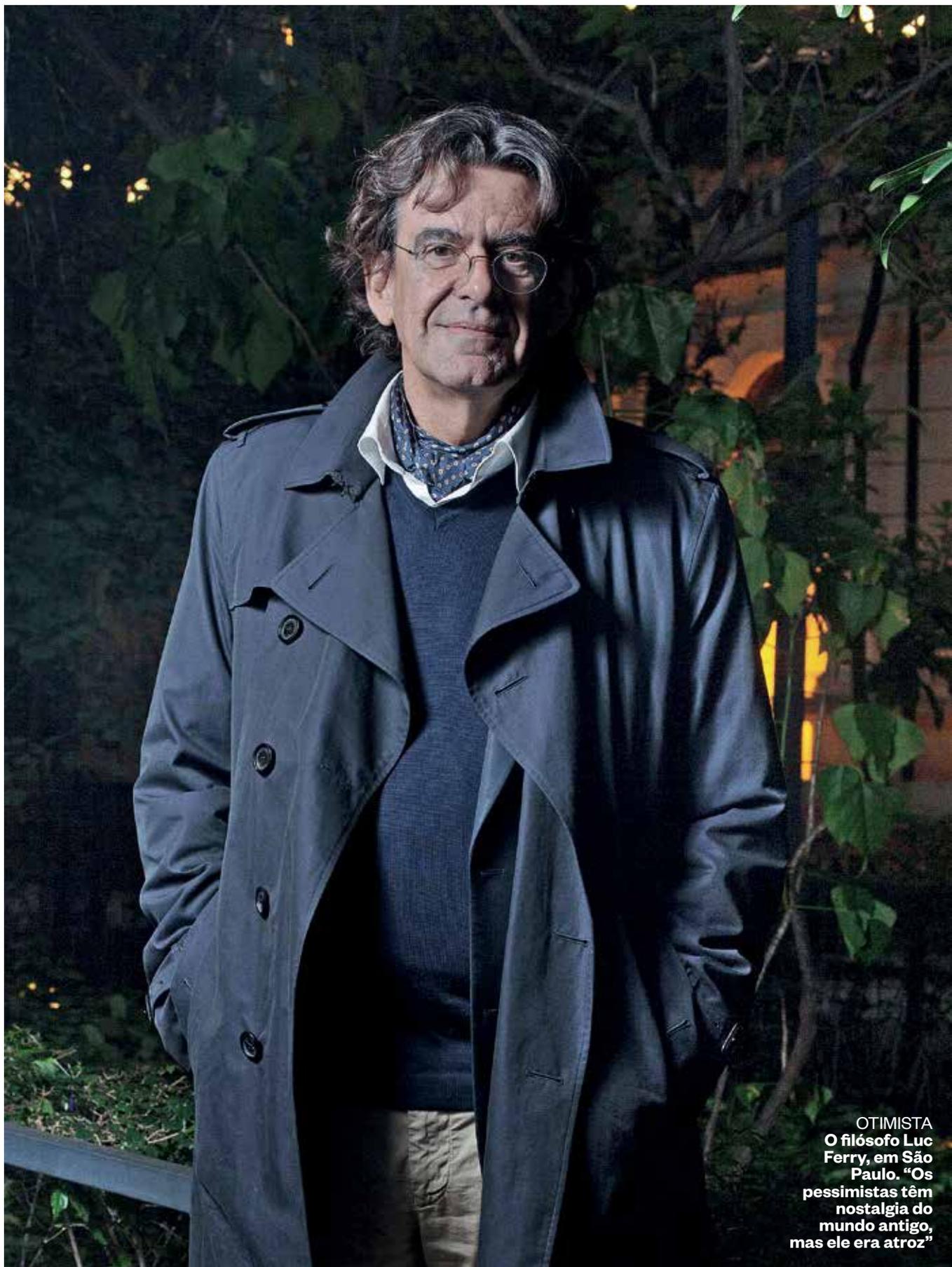
ÉPOCA – A adesão de uma parcela da juventude europeia ao fundamentalismo religioso do Estado Islâmico não mostra que os valores religiosos, ao contrário do que o senhor defende em seus livros, continuam em alta?

Luc Ferry – Absolutamente. O movimento da Europa é a

morte de Deus, como disse Nietzsche (*Friedrich Nietzsche, filósofo alemão*). É a primeira vez na história da Europa que estamos vivendo em sociedades completamente laicas, profundamente descristianizadas. Mesmo os católicos são menos crentes que os católicos de 50 anos atrás. Muito poucos católicos creem, por exemplo, na ressurreição do corpo, que, no entanto, está no coração da mensagem do Evangelho. A adesão de jovens franceses ao fundamentalismo religioso, atraídos pelo radicalismo e pela violência, é um fenômeno preocupante, mas extraeuropeu e minoritário. São jovens franceses descendentes da colonização, sobretudo da Argélia, que não se sentem integrados na França e se reconhecem no fundamentalismo religioso e no ódio a Israel. Mas eles não passam de alguns milhares no meio de 63 milhões de pessoas. O fato de que a descristianização e a secularização sejam os fenômenos maiores explica o extraordinário sucesso de uma certa filosofia que busca a sabedoria. A filosofia não consiste em fazer dissertações sobre temas que ninguém entende. A filosofia é: 1) compreender o tempo presente; 2) pensar a moral, como pacificar as relações entre os seres humanos; 3) a questão da vida boa para os mortais.

ÉPOCA – Por que a religião continua a ocupar um lugar importante na vida das pessoas fora da Europa?

Ferry – A religião tem duas funções. Primeiro, ela tem a função da salvação. Todas as grandes religiões prometem a imortalidade, a eternidade. Há o pensamento de que, se eu me coloco nas mãos de Deus, eu venço o medo da morte e a angústia de viver. Em segundo lugar, as religiões ligam os indivíduos, ajudam a formar comunidades e criam ▶



OTIMISTA
O filósofo Luc Ferry, em São Paulo. "Os pessimistas têm nostalgia do mundo antigo, mas ele era atroz"

uma identidade comunitária. No Oriente Médio, a religião foi o motor para criar a identidade nacional contra o colonizador. O que uniu os árabes? Foi o islamismo contra o Ocidente cristão. Na revolução iraniana, a gente vê como o islamismo foi usado como uma arma política para, ao mesmo tempo, criar uma identidade nacional e lutar contra o Ocidente laico.

ÉPOCA – E como explicar a influência da religião em países de cultura ocidental, como os Estados Unidos e o Brasil?

Ferry – As Américas não tiveram feudalismo, no qual a religião, até a Revolução Francesa, era, como é hoje no Oriente Médio, o fator de ligação entre os indivíduos para formar as comunidades. Nós fizemos, na Europa, a revolução da laicidade contra a religião. Todo o espírito do Iluminismo é voltado contra a vontade das religiões de ser o único discurso da salvação e de coesão social. A modernização e a construção da democracia foram feitas contra a religião e contra as horríveis guerras religiosas entre protestantes e católicos. Na Europa, houve uma luta terrível entre a religião, de um lado, e leigos, de outro. Seria inconcebível na Europa escrever numa cédula de dinheiro “In God we trust” (“*Em Deus, nós confiamos*”), como fazem os Estados Unidos.

ÉPOCA – Como vê os céticos, como o escritor francês Michel Houellebecq, que dizem que a secularização representa um declínio do Ocidente?

Ferry – Como escritor, Houellebecq é muito talentoso. Mas, como pensador, ele é débil mental. Sua tese é completamente estúpida e não tem nenhuma base na realidade. Ele é depressivo, infeliz, tem problemas com o álcool. Não há absolutamente uma submissão do Ocidente ao islamismo. A Europa é hostil à islamização. Contrariamente ao que dizem os pessimistas profissionais, nós estamos vendo na Velha Europa a emergência da sociedade hipermoral e de um humanismo moderno, como mostra a recepção de milhões de refugiados. Nunca tivemos tanta preocupação com os outros, com a ajuda aos deficientes físicos, aos fracos, aos mais idosos, com a igualdade entre homens e mulheres, com a solidariedade. Os pessimistas têm a nostalgia do mundo antigo. Mas o mundo antigo era atroz e abominável.

ÉPOCA – A Europa parece ser um continente com muito medo.

Ferry – E os europeus têm razão. O Estado Islâmico acaba de anunciar que tem 4 mil terroristas infiltrados entre os refugiados da Síria. Como você quer que as pessoas na França, que sofreu a morte dos cartunistas do *Charlie Hebdo*, não tenham alguma inquietação? Mas o mais impressionante é que não há reações racistas contra os muçulmanos.

ÉPOCA – Mas e a reação da Hungria, que barra os refugiados?

Ferry – A Hungria é tudo menos a Europa. Há uma fratura entre a Europa Ocidental e a Oriental. Na Velha Europa, a democracia foi construída com tanto sangue, tantos sofrimentos e tantas guerras que nós sabemos seu preço. A Hungria faz parte dos países ex-comunistas que não passaram pelo mesmo processo. Sou a favor de que a Hungria seja expulsa da Europa. Viktor Orbán (*o primeiro-ministro da Hungria*) é um fascista. É um lixo. Se a Comissão Europeia fosse mais corajosa, ela deveria excluir a Hungria da Europa.

ÉPOCA – A ascensão da extrema-direita na França, com a Marine Le Pen, não é uma mostra de que esse perigo fascista não está presente também na Europa Ocidental?

Ferry – É diferente. Marine Le Pen vai obter uma grande votação, mas não será eleita presidente. A ascensão da Frente Nacional é anterior ao problema dos refugiados e é uma reação contra o jogo de dumping social permanente da globalização. O que diz Marine Le Pen? A globalização vai abrir as fronteiras e quebrar a solidariedade nacional. Marine Le Pen é muito talentosa e diz que é contra o racismo e que a solidariedade é seu valor fundamental. Mas sua

solidariedade é o dinheiro da nação. Que os franceses se ocupem de seus pobres, os alemães dos seus e os italianos dos deles. Isso, evidentemente, é extremamente perigoso. É uma questão ainda mais complicada porque, dentro desses partidos, há muita fraternidade. Eu sou um grande adversário da Frente Nacional, mas compreendo que um operário, que viu que o comunismo desapareceu e teme por seu emprego, veja a Frente Nacional como

uma esperança da salvação. E a Frente Nacional tem um programa econômico neokeynesiano muito à esquerda, que é o mesmo do Alexis Tsipras, na Grécia, e do Podemos, na Espanha. É a versão moderna do comunismo.

ÉPOCA – Existe fraternidade na globalização?

Ferry – Eu acho que sim. A prova é que vamos acolher, na Europa, 3 milhões de refugiados. Isso faz parte da globalização.

ÉPOCA – Acredita que o papa Francisco, um argentino, seja capaz de frear o processo de esvaziamento da Igreja Católica na Europa?

Ferry – O papa Francisco é formidável. Em relação a seus predecessores, ele traz algo grandioso, que não é a modernização da Igreja, mas o retorno à mensagem original de Jesus, de amor, de preocupação com os pobres. Ele fala como Jesus, e é muito importante ter um papa que leve uma mensagem de fraternidade num mundo católico que se tornou extremamente reacionário. A Igreja do Ocidente tinha se tornado uma instituição de apparatchiks. Todos os papas anteriores pertenciam à linhagem da instituição eclesiástica. Como argentino, o papa Francisco é alguém que sai da instituição e é exterior à tradição europeia em uma Igreja que se esclerosou. ♦

“
**A extrema-direita,
na França, é a
versão moderna
do comunismo**”